

Poema da malta das naus

Â Â "Lancei ao mar um madeiro, espetei-lhe um pau e um lençol. Com palpito marinheiro medi a altura do Sol. Â Deu-me o vento de feiço, levou-me ao cabo do mundo. pelote de vagabundo, rebotalho de gibão. Â Dormi no dorso das vagas, pasmei na orla das praias reneguei, roguei pragas, mordi peloiros e zagaias. Â Chamusquei o pãlo hirsuto, tive o corpo em chagas vivas, estalaram-me a gengivas, apodreci de escorbuto. Â Com a mão esquerda benzi-me, com a direita esganei. Mil vezes no chão, bati-me, outras mil me levantei. Â Meu riso de dentes podre secoou nas sete partidas. Fundei cidades e vidas, rompi as arcas e os odres. Â Tremi no escuro da selva, alambique de suores. Estendi na areia e na relva mulheres de todas as cores. Â Moldei as chaves do mundo a que outros chamaram seu, mas quem mergulhou no fundo do sonho, esse, fui eu. Â O meu sabor é diferente. Provo-me e saibo-me a sal. Não se nasce impunemente nas praias de Portugal."

António Gedeão in Teatro do Mundo